



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

O MEDO COMO EFEITO DO FANTÁSTICO EM “O BLOQUEIO”, CONTO DE MURILO RUBIÃO



THE FEAR AS THE EFFECT OF THE FANTASTIC IN “THE BLOCKADE”, A SHORT STORY BY MURILO RUBIÃO

Vilmaria Chaves NOGUEIRA
Lívia Maria Rosa SOARES

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 13/06/2019 • APROVADO EM 22/01/2020

Resumo

Este artigo objetiva analisar o conto “O bloqueio”, que compõe a coletânea *O convidado*, do escritor Murilo Rubião, publicado em 1974. O autor é notadamente um dos ícones do conto fantástico brasileiro contemporâneo e compõe, nesta narrativa, uma atmosfera de incertezas diante do medo do desconhecido, pois o evento descrito no conto é oculto e obscuro, denotando o teor de irracionalidade. Esses recursos dão o mote à trama e despertam reflexões acerca de um aspecto ainda marcado pelo imaginário e pelo mistério: o medo, a morte e a ideia de finitude diante do caos. Assim, esse confronto entre mundos possíveis e impossíveis, tal como é expresso ao longo do conto, favorece indagações sobre nossas estruturas fixas,

como a ilusão de proteção, causando-nos pavor. Desse modo, a narrativa retoma uma temática presente na literatura em vários períodos da história. O viés teórico explorado foi desenvolvido por meio das ideias de Roas (2014), Bauman (2008), Bessièrre (2001), Chevalier e Gheerbrant (2009), entre outros.

Abstract

This article aims to analyze the short story “The blockade” that composes the compilation *The guest* by the writer Murilo Rubião published in 1974. The author is notably one of the icons of the fantastic contemporary Brazilian short story and composes, in this narrative, an atmosphere of uncertainty of the face of fear of the unknown, because the event described in the short story is hidden and obscure, denoting the content of irrationality. These resources give the reason for the plot and awaken reflections on an aspect still marked by the imaginary and the mystery: the death and the idea of finitude in the face of chaos. Thus, this confrontation between possible and impossible worlds, as expressed throughout the short story, favors questions about our fixed structures, such as the illusion of protection, causing us dreads. Thus, the narrative takes up a theme present in the literature in various periods of history. The theoretical routes explored was developed through the ideas from Roas (2014), Bauman (2008), Bessièrre (2001), Chevalier e Gheerbrant (2009), among others.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Fantástico. Conto. Medo. Morte.

KEYWORDS: Literature. Fantastic. Short Story. Fear. Death.

Texto integral

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Questões ligadas à existência e ao mistério sempre nortearam a vida do homem em diversas épocas e contextos socioculturais, projetando-se sob formas variadas de expressão, como a pintura, a música e a literatura. Figuras e personagens macabros coloriram, durante muito tempo, a poesia e as histórias ficcionais (orais e escritas) construindo assim um mundo fabuloso diferente da nossa realidade. Nessas ficções, o elemento sobrenatural é um dos aspectos principais das histórias. No entanto, somente este recurso não causa espanto no leitor, pois

El cuento maraviloso, en la medida misma en que es no realista, refleja y abole es desordene de lo cotidiano, o, al menos, lo que está en desorden para un certo pensamieto.

[...]

Los seres sobrenaturales, ogros y hadas madrinas, impiden la identificación del lector, del oyente con el relato; pero, a la vez, el conto maravilhoso, aunque extraña, no sorprende, porque dichos seres son familiares, porque se modelan y se organizan según una tipología cultural.¹ (BESSIÈRE, 2001, p. 91, 93)

Pelo seu teor fantasioso, a literatura dos contos de fadas foi, durante algum tempo, considerada inverossímil, pois não dava conta de atender as demandas do contexto social moderno que exigia uma ficção mais realista que dialogasse, sobretudo, com as ideias racionalistas do período cientificista. Com isso surgiram as ficções que buscaram se aproximar da realidade, mas sem deixar a fantasia de lado, pois a literatura era um dos veículos singulares para a manifestação do inverossímil. Nesse sentido, as narrativas do final do século XVIII e início do século XIX resgatam as origens do mundo fabuloso do folclore e dos contos de fada, porém com uma pitada de influência do realismo. Assim, essa nova arte chamada de fantástica, difere das narrativas dos contos maravilhosos porque seus mundos se aproximam do nosso: “La ficción fantástica fabrica, así, outro mundo con palabras, pensamientos y realidades que son deste mundo”² (BESSIÈRE, 2001, p. 85). Aliás, uma das principais características do modo fantástico elencada por vários teóricos e críticos, desde os pioneiros como Vax (1965) e Todorov (2008), até os mais contemporâneos como Roas (2014) e Rodero (2006) é justamente a presença do elemento sobrenatural em uma atmosfera considerada realista. Alguns estudiosos do tema usam diversas nomenclaturas para se referir ao sobrenatural, dentre elas as mais comuns são estranho, insólito e impossível, porém todas têm o mesmo sentido: o de causar medo, angústia ou perplexidade pelo fato de não encontrarmos solução concreta e empírica para o evento conflitivo e sem nexos com a nossa ordem racional, o qual a atmosfera ficcional nos revela.

Ainda sobre o fantástico na literatura, Batista (2007, p. 54-55) salienta como o insólito se manifesta nas narrativas pós-modernas:

É na condição de desmascaramento da realidade e de ocultamento da fronteira entre real e irreal que se enquadra também a ficção pós-moderna de traço insólito. A inserção desse elemento faz com que as narrativas contemporâneas que o têm como marca distintiva aproximem-se dos gêneros da tradição. Por outro lado, tanto a função do insólito quanto seus efeitos são muito diversos. A função do insólito nesse tipo de narrativa contemporânea – aqui chamado provisoriamente de “Insólito Banalizado” – é a de revelar o cotidiano e ressignificá-lo. O processo por que passa na percepção pelos seres de papel – narrador, narratário e personagens – é o da banalização de sua ocorrência.

Para Roas (2014, p. 67),

[...] o que caracteriza o fantástico contemporâneo é a irrupção do anormal em um mundo aparentemente normal, mas não para demonstrar a evidência do sobrenatural, e sim para postular a possível anormalidade da realidade, o que também impressiona o leitor terrivelmente [...].

Conforme as citações supramencionadas, apesar de ser uma tendência tão antiga quanto a humanidade, as narrativas fantásticas são uma importante vertente da expressão humana, atravessaram séculos e traduzem estados do imaginário aliados ao produto da experiência humana de cada época e revelam realidades através das estruturas consideradas anormais. Esse é um dos traços marcantes da escrita do brasileiro Murilo Rubião, cujo trabalho, mesmo não sendo o primeiro nesse tipo de arte, foi um dos mais importantes no que tange a valorização desse tipo de fazer artístico. Por isso, o escritor é considerado por muitos como um dos mestres do conto fantástico brasileiro. Sua produção narrativa curta explora várias temáticas relacionadas a esse modo discursivo, dentre elas podemos citar a metamorfose e os mundos impossíveis. Não obstante, em geral, ao se referir a arte de Murilo Rubião, a crítica costuma usar principalmente o termo literatura do absurdo, pois é típico do escritor utilizar o grau máximo do exagero para revelar mundos que, ao primeiro olhar, parecem compor um tom irônico e inverossímil. Porém, é na perplexidade do absurdo, que a racionalidade e a irracionalidade se misturam a fim de questionar se a ordem a qual conhecemos e estamos acostumados não é, de fato, absurda e inverossímil. Eis a singularidade da escrita de Murilo Rubião que explorou muito bem esse modo discursivo chamado fantástico. O texto que segue apresenta uma leitura do conto “O Bloqueio”, do referido escritor, na perspectiva do fantástico, explorando, sobretudo, o evento sobrenatural como causador do medo, um tema que vem ganhando novos olhares, tanto dos estudiosos da vertente fantástica brasileira, quanto da crítica rubiana. Assim, damos destaque ao sobrenatural como componente capaz de gerar insegurança, indagações e espanto.

2 O ELEMENTO IMPOSSÍVEL

“O Bloqueio” é a quinta narrativa da coletânea de nove contos que compõem *O convidado*, livro de autoria de Murilo Rubião publicado pela primeira vez no ano de 1974. Narrado em terceira pessoa o conto é dividido em sete partes numeradas. O protagonista é Gérion, o único inquilino há três dias em um edifício de vários pavimentos recém construído. No conto o elemento conturbador ou sobrenatural começa a se manifestar logo no início da descrição do relato. O personagem principal desperta no meio da noite com um barulho vindo dos pavimentos superiores do edifício: “O barulho era intenso. Vinha dos pavimentos superiores e assemelhava-se aos produzidos pelas raspadeiras” (RUBIÃO, 1988, p. 59). Nesse início descritivo, o narrador desenha a atmosfera do conto em meio a um espaço típico do fantástico com predominância do ambiente noturno. Adiciona-se também a preocupação do narrador em deixar claro que, apesar da atmosfera onírica, o fato

narrado não pode ser confundido com sonho ou alucinação. Com isso, ele exclui qualquer caráter explicativo com base na lógica racional. Outrossim, o desconhecimento da origem do ruído instaura, já de antemão, a perplexidade e a atmosfera de mistério diante do que está por vir.

O personagem fica intrigado com o barulho, porém volta a dormir, pois o mesmo cessara por algum tempo. Logo depois, ele acorda em pânico despertado pelo barulho que retornara, conforme descrito a seguir:

Mal abrira a porta, chegou-lhe ao ouvido o matraquear de várias brocas e pouco depois estalos de cabos de aço se rompendo, o elevador despencando aos trambolhões pelo poço até arrebentar lá embaixo com uma violência que fez tremer o prédio inteiro.

Recuou apavorado, trancando-se no apartamento, o coração a bater desordenadamente. – É o fim, pensou. Pela tarde, a calma retornou ao edifício, encorajando Gérion a ir ao terraço para averiguar a extensão dos estragos. Encontrou-se a céu aberto. Quatro pavimentos haviam desaparecido, como se cortados meticulosamente, limitadas as pontas dos vergalhões, serradas as vigas, trituradas as lajes. (...) Não via rastros das máquinas. (RUBIÃO, 1988, p. 60)

Como podemos perceber, a narrativa arquiteta uma atmosfera de medo e de incerteza, uma vez que o evento descrito no conto é oculto e obscuro, denotando um teor de irracionalidade. Convém destacar que o medo é um componente da condição humana, “[...] é um sentimento conhecido de toda a criatura” (BAUMAN, 2008, p. 09). Assim, mesmo estando em uma localização física aparentemente segura, o personagem não pode evitar o sentimento de pavor, pois a capacidade imaginativa do homem “aumenta imensuravelmente os tipos e a intensidade de medo no mundo dos homens” (TUAN, 2005, p. 11). Desse modo, o evento irracional é apavorante por dois motivos.

O primeiro pode ser entendido porque ele foge às explicações do realismo da vida concreta; e é esse realismo que nos dá uma sensação de conforto, pois é da natureza do homem se sentir seguro quando consegue controlar as coisas ao seu redor. O segundo motivo é porque, pelo fato de ser insólito, o evento instaura a insegurança, pois como já defendia Lovecraft (2007, p. 13) “[...] o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido”.

Aliás, o terror do desconhecido é diferente do terror das narrativas policiais porque enquanto na última o mistério é resolvido, na primeira o mistério apenas torna-se maior e sem explicação. A origem do elemento impossível ocorrido na narrativa não é visível, por isso a incerteza e a estranheza agem sobre o personagem, fazendo com que não somente ele, mas também o leitor indague acerca daquela realidade obscura a qual o personagem encontra-se sem escape.

Seria realmente possível pavimentos desaparecerem e máquinas trabalharem sem que ninguém as possam ver, como em um efeito fantasmagórico? Como

explicar esse evento que atemoriza o personagem, pois a demolição do prédio vai acontecendo pouco a pouco, mas ele não pode ver de que forma isso acontece. Esse cenário parece conduzir Gérion para outra dimensão sem, no entanto, se ausentar dessa, gerando assim um conflito de realidades. Assim, nessa narrativa rubiana, o sobrenatural vai ao encontro às palavras de Roas (2014, p. 31) quando menciona que este elemento “[...] transgride as leis que organizam o mundo real, aquilo que não é explicável, que não existe, de acordo com essas mesmas leis”. Para Berchez e Nunes (2017) há um conflito das máquinas com o personagem deixando-o sem saída. Deveras, é válido ressaltar que a presença desse elemento moderno é desencadeador de momentos de incertezas em Gérion, que não sabe se esse seu inimigo ameaçador está construindo ou destruindo algo. Sabemos, no entanto, que tal elemento faz emergir componentes que lembram a morte. Tal ideia é indicada pela simbologia do pó contida no seguinte fragmento: “Tudo reluzindo a fino pó amontoado nos cantos” (RUBIÃO, 1988, p. 60).

Nesse sentido, propaga-se a simbologia de um dos maiores medos do homem que é o da morte, uma vez que, para muitos, ainda faz parte do desconhecido. Nesse viés, construir ou desconstruir são metáforas relacionadas respectivamente à morte e à vida. Ambos elementos estão entrelaçados, porém só temos conhecimento de um quando abandonamos o outro. Os outros medos que também nos bloqueiam podem ser conhecidos, mas a morte não, ela é permeada de mistérios, crenças e superstições que acompanham a humanidade ao longo dos tempos.

O conto nos faz inferir, portanto, que este impasse faz parte de todos os viventes e isso torna-se bastante explícito na epígrafe bíblica contida no início da narrativa que profetiza o destino, não só da personagem, mas de toda a humanidade: “O seu tempo está próximo a vir, e os seus dias não se alongarão”.

Podemos assim dizer que essa narrativa curta enseja inúmeras reflexões sobre os medos que operam sobre o homem e que o deixa perplexo e intranquilo, uma vez que é da sua própria consciência que o paradoxo entre vida e morte é irresoluto e que para qualquer lugar que for, este o perseguirá, pois atesta a finitude das coisas e de si mesmo.

3 DESORDEM E BLOQUEIO

O tom verossímil/inverossímil presente na narrativa é um dos fatores instauradores da desordem e do absurdo, elementos tão comuns aos textos fantásticos. Essa mistura de realidades é o que diferencia esse modo narrativo do maravilhoso e do cristão onde o sobrenatural surge como um aspecto aceitável tanto por parte do leitor, quanto por parte dos personagens. Não sendo, portanto, um mundo autônomo como nos contos de fadas e em algumas narrativas pós-modernas cujo sucesso tem sido garantido pela adaptação fílmica (como exemplo de “O senhor dos anéis” e a “A guerra dos tronos”), o conflito entre realidades, causado pela presença do elemento impossível, justapõe o mundo racional com o irracional e eleva as sensações de dúvida e de insegurança, uma vez que

[...] a narrativa fantástica provoca – e, portanto, reflete – a incerteza na percepção da realidade e do próprio eu; a existência do impossível, de uma realidade diferente da nossa, leva-nos, por um lado, a duvidar desta última e causa, por outro, em direta relação com isso, a dúvida sobre nossa própria existência, o irreal passa a ser concebido como real, e o real, como possível realidade. (ROAS, 2014, p. 32)

Conforme a citação, por meio da narrativa fantástica, o real é questionado. O conto sugere o questionamento sobre nossos pontos seguros. Um apartamento em um edifício ou o ambiente familiar não são mais lugares de refúgios estáveis. A narrativa nos mostra o avesso dessas realidades e redimensiona essas estruturas fixas. Desse modo, o que parece ser impossível, isto é, o evento de caos que atribula a ordem do edifício, torna-se possível quando pensamos na mimese do acontecimento narrado com a vida do homem moderno que perdeu seus pontos seguros. Assim sendo, o insólito da narrativa nos convida a refletir sobre algumas verdades, dentre elas a de que é possível se manter a salvo das atribulações da vida moderna.

Nesse sentido, o conto sugere que esse fato é irreal e que, mesmo buscando um lugar de proteção, ou seja, de ordem, vivemos sob constantes ameaças. Esse aspecto de “O Bloqueio”, encontra congruência com a visão de Ceserani (2006, p. 83) sobre a literatura fantástica quando menciona que seus textos “agredem a unidade da subjetividade e da personalidade humana, procuram deslocá-la e colocá-la em crise; eles rompem a relação orgânica (psicossomática) entre espírito e corpo”.

A mitologia e a historiografia desde sempre atestaram para o sentimento de busca pela ordem em detrimento ao caos. Ernest Cassirer na obra *Linguagem e mito* (2013) afirma que a mitologia é a obscura sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento. Para o autor:

Todos os conteúdos do espírito, por mais que tenhamos de atribuir-lhes sistematicamente um domínio próprio e fundamentá-lo em seu próprio “princípio” autônomo, na realidade nos são dados primeiro nesse entrelaçamento. A consciência teórica, prática e estética, o mundo da linguagem e do conhecimento, da arte, do direito e da moral, as formas fundamentais da comunidade e do Estado, todas elas se encontram ligadas à consciência mítico-religiosa. (CASSIRER, 2013, p. 63-64)

O autor defende ainda que a metáfora é o vínculo intelectual entre a linguagem e o mito, por isso a metáfora é um patrimônio que a linguagem recebeu do mito e que ela tem como um produto dele. Semelhante a esse entendimento, na obra *Mito e realidade*, Mircea Eliade compreende que

o mito se refere sempre a uma criação contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa é a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos. Conhecendo o mito, se conhece a origem das coisas. (ELIADE, 2013, p. 22)

Assim, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais. Esses artifícios foram e são amplamente explorados na literatura fantástica e ajudam a emoldurar situações insólitas que assomam nosso conceito de realidade. Para Roas (2012, p. 110) “é efeito do fantástico provocar - e portanto refletir – a incerteza na percepção do real”.

No conto analisado, existe a sobreposição entre o previsível e o imprevisível. Há edifícios trazendo a promessa de privacidade e de segurança. Se olharmos mais uma vez para a história, podemos perceber que a própria arquitetura das moradias modernas retoma o desejo pela ordem, especialmente a torre. Simbolicamente, Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009) o formato da torre remete a:

[...] evoca imediatamente Babel, a porta do céu, cujo objetivo era o de restabelecer por um artifício o eixo primordial rompido e por elevar-se até a morada dos Deuses.

O simbolismo é universal: a Torre de Babel era um zigurate babilônico; os prasat das arquiteturas khmer e chamã são substitutos do monte Meru; os andares decrescentes da torre a seu cume evocam efetivamente a montanha. Diz-se que a Torre de Babel prolongou-se solo adentro. Também é esse o caso de Meru e, ao menos simbolicamente, das torres que o representam. Têm uma parte subterrânea marcada por uma blocagem ou um profundo poço central. Unem, assim os três mundos: céu, terra e mundo subterrâneo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 888)

Nesse contexto, o conto resgata o elemento simbólico contido na arquitetura vertical do edifício para revelar que o personagem está escondendo-se dos seus medos. Porém, a ordem que Gérion tanto busca parece não ser encontrada. No entanto, a jornada no edifício denota sua insistência por conhecer um outro mundo, distante dos temores já conhecidos. A desordem do edifício causada pelos estrondos das máquinas e pela derrubada dos pavimentos comunga com a desordem interior pela qual passa o personagem naquele momento, preferindo o isolamento a estar com a esposa e a filha. Essa atitude de Gérion nos mostra que a literatura fantástica, conforme defesa de Bessière (2001), está atrelada inevitavelmente à cultura e porque não dizer, também à história. Para Lovecraft (2007) o medo é um sentimento antigo. Se nos primeiros séculos esse sentimento vinha do exterior através do temor de fantasmas, bruxas, florestas

encantadas, lobisomens, dentre outros, nos últimos séculos os arrepios vêm de dentro, ou seja, do interior do homem, sendo esse aspecto comum nos contos fantásticos contemporâneos, que privilegiam a descrição dos conflitos individuais do ser humano, mas que refletem os dramas coletivos de toda sociedade.

Relacionando ao plano da realidade, a prática de atitudes corriqueiras como ficar até tarde nas ruas, esquecer um portão aberto, conversar com um estranho, hábitos, aparentemente simples, refletem medos modernos que isolam os homens em seus próprios edifícios e casas, ou seja, em seus próprios mundos e individualidades.

A impossibilidade de escape desse sentimento atemorizador demonstrada de uma forma que nem mesmo o exagero daria conta, comprova o diálogo entre os temores antigos e os modernos. Toda a perturbação é gerada pela paisagem do edifício prestes a desmoronar, porém o ruído que se repete condensa todos os sentimentos por trás do temor, sejam os da angústia, da inquietação ou da perplexidade. “O ruído é o caos auditivo e a maioria das pessoas é mais capaz de tolerar a desordem visual do que a auditiva, porque o som tende a afetar emoções mais básicas do que a visão” (YI-FU TUAN, 2005, p. 234).

Além disso, no contexto do conto, é mais difícil para o personagem fugir da desordem auditiva do que da visual, pois até mesmo quando esta última aparece, é trazida pelo som. São os ruídos do telefonema da esposa gorda que o insere, mesmo estando distante, no ambiente visual do caos familiar o qual o personagem fugira: “A mão pousada no fone, colocado no gancho, Gérion fez uma careta ao ouvir de novo o toque da campainha” (RUBIÃO, 1988, p. 61).

O narrador é sempre muito insistente na relação do medo do personagem com o ruído. Quando este cessa, Gérion se “tranquiliza” e ao mesmo tempo parece sentir-se encorajado a enfrentar o espaço do caos visual: “Os ruídos tinham perdido a força inicial. Diminuíram, cessaram por completo. Gérion descia a escadaria indeciso quanto à necessidade do sacrifício” (RUBIÃO, 1988, p. 62).

Dessa forma, podemos asseverar que o ruído é um item de revelação, pois segundo Chevalier e Gheerbrant (2009) ele atinge o coração. Deveras, o enigma escondido no som parece ser perturbador. Na quinta parte do conto, o medo do personagem torna-se cada vez mais intenso: “Oito andares abaixo, a escada terminou abruptamente. Um pé solto no espaço, retrocedeu transido de medo, caindo para trás. Transpirava, as pernas tremiam. Não conseguia levantar-se, pregado ao degrau” (RUBIÃO, 1988, p. 62). Esse acontecimento absurdo deixa o personagem cada vez mais perplexo. A desordem torna-se cada vez maior, aproximando mais e mais do seu caos interior. Estaria Gérion bloqueando mais um temor e rejeitando ouvir a sua voz interior? Essa dúvida permeia a leitura do conto.

Ao longo do conto, percebemos um vai e vem de sentimentos e sensações que ora dão ao personagem uma impressão de aprisionamento, ora de impasse. Também é possível perceber a justaposição das realidades. O mundo impossível caracterizado pelo desmoronamento do prédio é embebecido pela vida pessoal do personagem que tenta se desviar, sem nenhum êxito, de ambas realidades. Assim, percebemos o entrecruzamento dos mundos racional e irracional. Porém, é útil lembrarmos que “a narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas

não como evasão, e sim, muito pelo contrário, para interrogá-lo [...]” (ROAS, 2014, p. 31). Assim sendo, é diante dos bloqueios temerosos que o conto nos estimula a indagar sobre quais dos dois mundos do personagem é característico do medo, da perplexidade e do absurdo.

Na sexta divisão estrutural da narrativa, os ruídos continuam a embalar o som de uma música inexplicável que desperta o protagonista do conto durante a noite. Mais uma vez o narrador retoma o aspecto noturno intensificando cada vez mais o tom atemorizante, pois a própria noite carrega em sua origem as obscuridades do medo e das decepções. “Para os gregos, a noite (nyx) era filha do Caos e a mãe do Céu (Urano) e da Terra (Gaia). Ela engendrou também o sono e a morte, os sonhos e as angústias, a ternura e o engano” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 639). Assim, a presença desses símbolos arquiteta a atmosfera insólita presente nos eventos que configuram a matéria literária, desencadeando a hesitação e rompendo com a ordem natural das coisas.

A narrativa incentiva o leitor a imaginar caminhos indecifráveis e ao mesmo tempo inteligíveis. Também nos faz crer na existência de forças antagônicas em constante conflito. Para tanto, se utiliza de duas paisagens: a primeira construída pela imagem da arquitetura vertical do edifício se destruindo com o decorrer dos dias e a segunda pelo retrato do ambiente familiar do nosso protagonista. Mas em termos metafóricos não podemos esquecer dos embates vida/morte, racionalidade/irracionalidade, absurdo/lógica. Seriam esses embates os responsáveis pelo bloqueio do personagem que evita os ruídos, uma vez que esses têm algo a revelar, tal como indica o fragmento? “A par do desejo de enfrentá-la, descobrir os segredos que a tornavam tão poderosa, tinha medo do encontro” (RUBIÃO, 1988, p. 64).

Porém, sabemos que apesar de temerosa, a morte juntamente com seus correlatos, sempre seduziu o homem seja pelos seus aspectos obscuros, seja porque o contraste com ela afirma a realidade e a nossa existência. E a morte do personagem, como previu a profecia de Isaías, está próxima. Ela é temerosa, mas ao mesmo tempo encantadora porque é uma porta de acesso a uma dimensão desconhecida. De todos os medos ela se torna, portanto, o mais enigmático, uma vez que para ser conhecida, o indivíduo precisa se despedir do que reconhece como concreto e previsível.

Assim, convém destacarmos que o medo que permeia Gérion o envolve não só pelo terror, mas pelo desenvolvimento de uma consciência universal a qual pode ser resumida na ideia de finitude do ser. Dessa forma, mesmo na desordem e no encantamento dos ruídos que parecem falar, a verdade é que para o personagem esses dois planos de realidade constituem seu mundo. Posto isso, ele sabe que o fim é inevitável e está próximo.

Ao fazer uma leitura do conto à luz da mitologia, Berchez e Nunes (2017) enxergam a posição final do personagem no apartamento que paira no espaço como forma de ascensão. Na verdade, no desfecho ainda temos a presença do embate entre vida e morte. Porém, no plano estrutural narrativo, estamos na sétima divisão do conto, número que coincide com o tempo de permanência do

personagem no prédio, pois no quarto dia o síndico afirma: “- Dentro de três dias estará tudo acabado” (RUBIÃO, 1988, p. 61).

Desse modo, a narrativa nos sugere, através dessa divisão numérica, a jornada já profetizada do nosso personagem através da epígrafe bíblica que outrora já comentamos. Essa estrutura faz novamente referência à Bíblia, pois em seis dias Deus criou os céus e a terra e no sétimo dia descansou. O sétimo dia é, portanto, o período que indica o ato concluso. Por consequência, nada mais há a fazer. Deveras, podemos dizer que ao longo do conto, durante os seis dias, o embate medo/coragem e vida/morte, se constitui como elementos construtores da jornada rumo à morte tão temida.

Posteriormente, o narrador mostra que Gérion não é capaz de resolver o conflito do seu medo. A máquina adquire, na última parte do conto, a simbologia do elemento que conduz a outra dimensão e seu chamado é sedutor, mas também atemorizante ao personagem:

No ir e vir da destruidora, as suas constantes fugas redobravam a curiosidade de Gérion, que não suportava a espera, a temer que ela tardasse em aniquilá-lo ou jamais o destruísse. Pelas frinchas continuavam a entrar luzes coloridas, formando e desfazendo no ar um contínuo arco-íris: teria tempo de contemplá-la na plenitude de suas cores? Cerrou a porta com a chave. (RUBIÃO, 1988, p. 64)

Essa passagem do conto nos mostra que Berchez e Nunes (2017) não atentaram para o fato de que o personagem, mesmo estando em um plano físico perto do céu, não consegue ascensão. Ele fecha a porta e esse comportamento impede, de um lado, que as luzes coloridas possam entrar e tocá-lo, revelando os segredos dos enigmas obscuros, do outro e que ele possa ultrapassar o portal rumo a uma nova dimensão. Sua condição é, portanto um “entrelugar”, que está próximo ao céu e à terra. No entanto, o personagem teme a ambos, essa metáfora constrói a imagem que retrata uma condição de bloqueio, tal como sugere o próprio título da narrativa.

4 ÚLTIMAS PALAVRAS

Como podemos perceber nessa narrativa, Murilo Rubião dá destaque a um dos temores mais antigos e ainda cheio de simbologias do homem: a morte. Ao fazer isso, o autor mostra que mesmo buscando um lugar de conforto, o medo é próprio da condição humana. Ao expor o maior temor da humanidade, ou seja, a morte, o conto “O bloqueio” sugere uma discussão que perpassa a nossa condição, mostrando-nos que a impossibilidade de conhecermos nossos múltiplos universos, nos condena a viver sempre em prisões interiores.

O evento impossível relatado no conto revela os pormenores dos nossos sentimentos que também se tornam, em muitos casos, impossíveis de serem entendidos e explicados. Assim, é nessa atmosfera que ora soa tenebrosa, ora corriqueira, tal como nos faz crer o conto, que reconhecemos a condição humana de inércia e finitude, pois os conflitos sobre a efemeridade das coisas e de si mesmo, a humanidade jamais conseguiu resolver, mesmo com todo aparato tecnológico e científico vigente.

O conto reverbera uma tendência comum nos contos brasileiros desse último século, especialmente após a década de 1970, ao representar uma atmosfera de incerteza, ambiguidades e eventos que contradizem a percepção do real. Tal característica representa uma tendência comum na literatura fantástica produzida pela maioria dos escritores do século XX e XXI: um período de deslocamentos que registrou muitas mudanças de paradigmas resultantes do período posterior à duas grandes guerras mundiais, mudanças nos meios de produção e de consumo, advento da tecnologia. O texto fantástico, passou a destacar o insólito inserido no cotidiano, com uma atmosfera dúbia, de conflitos e questionamento do eu. No século XX, após a publicação de *A Metamorfose* de Kafka, os estudos sobre o fantástico alcançaram expressão evidente e, nesse sentido, vem gerando diversas análises.

Na modernidade, a prosa rubiana ainda reproduz essas características, Marisa Martins Gama-Khalil no artigo “A metamorfose do corpo e a construção do fantástico nas narrativas de Murilo Rubião”, relembra Tzvetan Todorov em *Introdução à Literatura Fantástica*: “Os temas do eu”. Trata-se de ponto de partida para considerações a respeito das metamorfoses. Enquanto nos textos estudados pelo crítico búlgaro, a metamorfose é construída como ruptura entre o corpo e o espírito, nos contos de Murilo Rubião, segundo Gama-Khalil, as metamorfoses fazem-se presentes como experiências cotidianas, sendo impulsionadas pelo desejo.

Em se tratando do conto “O bloqueio”, podemos dizer que ele revigora o fantástico, ao tempo em que a imaginação criadora percebida na história ultrapassa os limites lógicos entre as fronteiras de delírios e irrealidades, pois o irreal é incorporado e faz parte de uma lógica própria do universo narrado. Além disso, ele indaga sobre os medos, sobre a morte e sobre a condição humana. Ao passo que faz isso, não deixa de nos revelar que as incertezas e inseguranças farão parte para sempre da nossa existência. Dessa forma, essa narrativa, revelando sua essência fantástica, não esquece que o maior de todos os absurdos do ser humano é tentar resolver o que é irresoluto.

Notas

1 O conto maravilhoso, ao mesmo tempo em que é irrealista, reflete e abole a desordem do cotidiano, ou, pelo menos, o que está em desordem para um certo pensamento [...] Seres sobrenaturais, ogros e fadas madrinhas, impedem a identificação do leitor, do ouvinte com a história; mas, ao mesmo tempo, o conto maravilhoso, embora estranho, não é surpreendente,

porque esses seres são familiares, porque são modelados e organizados de acordo com uma tipologia cultural. (Tradução nossa)

2 A ficção fantástica fabrica, assim, outro mundo com palavras, pensamentos e realidades que são deste mundo. (Tradução nossa).

Referências

BATISTA, A. M. S. *As (des)fronteiras do insólito na literatura: reflexões e possibilidades na contemporaneidade*. In: GARCIA, F. (Org). *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BESSIÈRE, Irene. El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza. In: ROAS, David. Org. *Teorías de lo Fantástico*. Madrid: Arco/Libros S.L., 2001. p. 83-104.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionários de símbolos: mitos, costumes, gestos, figuras, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva, et. al. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

BERCHEZ, Amanda; NUNES, Maria Aparecida. A Mitologia Fantástica em O Bloqueio, de Murilo Rubião. In: CUNHA, Maria Zilda da; MENNA, Lígia. (Orgs.). *Fantástico e seus arredores: figurações do insólito*. São Paulo: FFLCH/USP, 2017. p. 61-80.

BESSIÈRE, I. *El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza*. In: **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, S.L, 2001. p. 80-104.

CASSIRER, Ernest. *Linguagem e Mito*. 4ed. Tradução de J. Guinsburg, Mirian Scahnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Coleção Debates).

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. *As metamorfoses do corpo e a construção do fantástico nas narrativas de Murilo Rubião*. In: GARCÍA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina. (Org.). *Murilo Rubião 20 anos depois e sua morte*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 47-66.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Trad. Julián Fuks. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2014.

RODERO, Jesús. *La edad de la incertidumbre: un estudio del cuento fantástico del siglo XX en Latinoamérica*. New York: Peter Lang Publishing, 2006.

RUBIÃO, Murilo. *O convidado*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TUAN, Yi-fu. *Paisagens do Medo*. São Paulo: UNESP, 2005.

Para citar este artigo

NOGUEIRA, Vilmaria Chaves; SOARES, Livia Maria Rosa Soares. O medo como efeito do fantástico em “O bloqueio”, conto de Murilo Rubião. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 147-160, set.-dez. 2019.

As autoras

Vilmaria Chaves Nogueira é doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN, atuando, principalmente nas áreas de literatura e teorias literárias. Possui Mestrado acadêmico em letras (Estudo do texto e do discurso) e graduação em letras - habilitação em língua inglesa, pela mesma instituição.

Livia Maria Rosa Soares é doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras na UERN Campus Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia em Pau dos Ferros/RN. Linha de pesquisa: Texto literário, crítica e cultura. Mestre em Letras pela UESPI área de concentração: Literatura, memória e cultura. Especialista em Literatura Comparada - UESPI, Graduada em Letras (Língua e Literatura) pela Universidade Federal do Piauí. Professora EBTB de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) Campus Pedreiras. Foi Professora Substituta na Universidade Federal do Piauí entre 2014 e 2016 e Professora efetiva na Secretaria Estadual de Educação do Piauí entre 2006 e 2016. Participou da equipe de formadores no Centro de Formação dos professores Antonino Freire. Possui experiência no ensino de Literatura, Redação, Português Instrumental, Literatura infanto-juvenil, entre outras. Realiza pesquisas sobre os seguintes temas: Literatura fantástica, narrativas infantojuvenis, Literatura e representações de gênero.